

## Chacal e as figurações da intertextualidade: heranças oswaldianas na década de 70

Idemburgo Pereira Frazão<sup>i</sup>

Patrice Moraes Paes Leme<sup>ii</sup>

### Resumo:

O objetivo desse estudo é refletir sobre a relação entre marginalidade e cultura. O foco é ressaltar que o significado de marginal vai além do descumprimento às leis. Ou seja, tudo aquilo que está fora do centro de um determinado sistema, que está às margens, possui caráter de marginal. Há dois acontecimentos que exemplificam essa relação: a geração mimeógrafo da década de 70 e o surgimento de novas tendências contemporâneas a partir dos avanços tecnológicos, com foco em uma literatura marginal, que tem servido de base para estudos da atual formação cultural brasileira. Os estudos em relação à marginalidade tem inclusive alimentado novas teorias a respeito da tese da dialética da malandragem elaborada pelo crítico Antônio Cândido. Essa hipótese, que tem sido conhecida como dialética da marginalidade – nomeada pelo crítico João César de Castro Rocha, surge para dialogar com a primeira a respeito da imagem do brasileiro perante as adversidades. Valorizar essa cultura marginal é apenas o começo para a consolidação das inúmeras identidades que formam o panorama cultural do Brasil.

**Palavra-Chave:** Literatura Marginal, Intertextualidade, Primeiro Modernismo.

### Abstract:

This article aims to reflect on the relationship between marginality and culture. The focus is to emphasize that the meaning of marginal goes beyond noncompliance with laws. That is, everything that is outside the center of a certain system, which is on the margins, has a marginal character. There are two events

that exemplify this relationship: the mimeograph generation of the 70's and the emergence of new trends from the technological advances, focusing on a marginal literature, which has served as a basis for studies of the current Brazilian cultural background. The studies in relation to the marginality has even fueled new theories regarding the thesis of the dialectic of the malandragem elaborated by the critic Antonio Cândido. This hypothesis, which has been known as the dialectic of marginality - named by the critic João César de Castro Rocha, arises to dialogue with the former regarding the image of the Brazilian in the face of adversity. Valuing this marginal culture is only the beginning for the consolidation of the innumerable identities that form the cultural panorama of Brazil.

**Keyword:** Marginal Literature, Intertextuality, First Modernism

## **Introdução**

Quando surge um novo movimento literário no panorama cultural, geralmente, encontra-se em um posicionamento de negação e ruptura em relação a um período estético anterior. Assim ocorre com a produção poética brasileira das décadas finais do século XX. As conquistas e transformações obtidas pela primeira geração modernista - que teve como principais autores, Oswald e Mário de Andrade -, ganharam destaque em outros momentos da literatura brasileira, dentre eles, na literatura marginal nos anos 1970. O objetivo desse estudo, em sentido mais amplo, é refletir sobre os diálogos textuais, explícitos ou não, ocorridos entre esses dois momentos. Intenta-se, mais especificamente, perceber de que forma tais diálogos se fizeram presentes na poesia de um dos mais importantes poetas da chamada Geração mimeógrafo: Ricardo de Carvalho Duarte, o Chacal.

A grande conquista do primeiro modernismo brasileiro refere-se à busca de liberdade em termos de estética e linguagem (e, indiretamente, política). A geração poética da década de 1970 herdou essa vontade de independência artística. Em uma atmosfera de repressão política, as produções que não atendiam aos interesses do sistema (político, econômico, editorial) não encontravam espaço no mercado. Como uma forma de resistência, esses poetas

criaram alternativas para produção e disseminação de suas obras. Surgiu assim uma geração que fez uso do mimeógrafo e de outros aparatos artesanais para criar e divulgar seus trabalhos.

No estudo aqui proposto, visa-se a analisar comparativamente as obras do primeiro modernista Oswald de Andrade e do poeta da Geração mimeógrafo, Chacal, buscando identificar os diálogos textuais presentes na produção poética de ambos, apontando também para questões relativas à poesia marginal como um todo e ao período sociopolítico em que tal produção ocorre.

### **Primeiro Modernismo e suas conquistas**

O primeiro ciclo modernista, conhecido também como fase heroica ou de ruptura, representou uma grande revolução na literatura brasileira no início do século XX. Suas ideias, propostas e conquistas podem ser percebidas em inúmeras produções culturais posteriores. Os poetas, hoje canônicos, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade são apenas alguns dos nomes que marcam o momento aqui destacado. Esse último poeta, com grande participação no período, servirá como modelo para o estudo comparativo aqui proposto sobre a herança modernista na poesia marginal da década de 1970.

Antes de trabalhar com os diálogos textuais propriamente ditos, é necessário que se relembre, mesmo que de forma sintética, dos elementos básicos que marcaram o Modernismo, principalmente no seu primeiro ciclo. A ruptura própria da primeira fase representa uma crítica à estética parnasiana – período literário em que os poetas valorizavam o culto à forma, através da utilização de estratégias textuais inspiradas na Antiguidade Clássica. Os poetas parnasianos, portanto, centravam sua atenção no respeito à forma, à tradição clássica. Ao contrário do parnasianismo, o modernismo visa à liberdade poética, a uma relação efetiva com a cultura popular, com a intenção de aproximar-se da realidade brasileira. O marco desse período foi a realização da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo em 1922.

A *Semana* foi, ao mesmo tempo, *ponto de encontro* das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a *plataforma* que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural. (BOSI, 2013, p.363)

As tendências, as quais Bosi se refere, surgiram através do contato de alguns intelectuais brasileiros com as vanguardas em viagens a Europa. As vanguardas europeias (Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo, Cubismo e Expressionismo) acabaram por influenciar a arte em geral e, mais particularmente, a literatura brasileira. A partir de então, percebe-se a ascensão do “efeitofuturista”, que não foi muito bem recebido pelos mais conservadores, que acusavam essas novas obras de plágio ou imitação da arte europeia. Essa ascensão foi um dos importantes elementos que contribuíram para a realização da Semana de Arte Moderna, que foi criticada pela imprensa e pelos intelectuais tradicionalistas, mas terminou por tornar-se um grande e importante evento histórico.

Nesse evento cultural, seus idealizadores apresentaram novas obras, inspiradas nessas tendências e propunham a realização de uma literatura genuinamente brasileira. O uso de linguagem coloquial, a presença do humor e da ironia, o uso de paródias, valorização do cotidiano, do progresso, do nacional e também do primitivo, além do uso de versos livres na poesia são algumas das mudanças que essa geração trouxe para a arte moderna.

Após a realização dessa semana de arte, que reunia diferentes tipos de manifestações culturais, diversos manifestos e revistas foram publicados com o objetivo de disseminar as conquistas obtidas. Um dos mais importantes que merece destaque foi o *Manifesto Antropofágico* escrito por Oswald de Andrade em 1928 e publicado na revista *Antropofagia*. O movimento foi inspirado no ritual indígena de antropofagia, onde aquele que se alimentava da carne do herói inimigo absorvia suas qualidades e virtudes. Os modernistas defendiam a ideia de que o mesmo acontecia com as influências estrangeiras. Somente o que era interessante dessas novas tendências vanguardistas era absorvido. Como um filtro cultural, o que não tinha valor significativo era descartado.

Além disso, a própria ideia de deglutição, associada à antropofagia, remete a figura do índio e, com isso, ocorre uma valorização da cultura genuinamente brasileira. Entretanto, apesar de valorizar o que era primitivo, Oswald não negava o progresso gerado pela modernização industrial e nem a cultura estrangeira. Mas explicitava que o pensamento antropofágico por ele utilizado possibilitava identificar e absorver os elementos positivos das intervenções estrangeiras, sem tornar-se mero imitador da cultura europeia, defendendo-se, nesse momento, da acusação dos intelectuais mais tradicionalistas.

A formação e valorização de uma identidade nacional é uma das grandes marcas desse momento histórico. Esse reconhecimento permitia também que houvesse uma libertação do pensamento colonialista (e colonizado), do entendimento de que só era bom e de qualidade o que viesse do exterior. Esse pensamento de liberdade, de modo geral, irá guiar as gerações futuras como a tropicalista (1978-1979) e a da literatura marginal dos anos 70.

### **A geração de 70**

Durante a década de 1970, em uma atmosfera de repressão política e cultural, marcada pela censura, a produção literária brasileira foi diretamente afetada. O governo militar incentivava algumas das produções culturais, mas cerceava a liberdade criativa. Sem espaço para o desenvolvimento de obras, principalmente de caráter crítico, um novo movimento poético formou-se paralelamente ao sistema editorial brasileiro. Como uma forma de subversão, alguns jovens poetas encontraram novos meios de produção e divulgação literária através do mimeógrafo, que deu nome a geração. Desse movimento marginal surgiram nomes como Cacaso (Antônio Carlos de Brito), Chacal (Ricardo de Carvalho) e Ana Cristina Cesar (Ana C.).

Essa produção poética também ficou conhecida como “literatura marginal”. O termo “marginal” se refere ao fato de que a produção e a distribuição dessas poesias eram realizadas de maneira alternativa, artesanal. Ou seja, as obras se mantinham à margem do sistema editorial. Com participação direta do

autor, a relação com o público leitor tornou-se mais próxima. A poesia, que antes se mantinha distante, limitada aos moldes clássicos, torna-se popular e mais acessível, distribuída nas portas de cinemas, bares, teatros e Universidades.

O diferencial dessa produção literária também é visível na linguagem. A inovação na escrita funciona como forma de subversão aos padrões. A linguagem irônica e de baixo escalão (muitas vezes pornográfica) aparece como elemento natural integrado ao cotidiano. Acrescenta-se à poesia um caráter informal, afetivo, sem deixar de lado a crítica através do humor, como afirma Heloisa Buarque de Holanda, na antologia *26 poetas hoje*:

No plano específico da linguagem, a subversão dos padrões literários atualmente dominantes é evidente: faz-se clara a recusa tanto da literatura classicizante quanto das correntes experimentais de vanguarda que, ortodoxamente, se impuseram de forma controladora e repressiva no nosso panorama literário. (HOLLANDA, 2007, p. 12)

Outro fato que merece destaque na poesia marginal é o registro do cotidiano. A literatura torna-se mais próxima da vida cotidiana, com valorização do momento, do aqui e do agora. Com uma postura anti-intelectual, as poesias marginais revelavam os problemas cotidianos as mudanças comportamentais vividas na época, em um contraponto entre liberdade e repressão, mas longe de um posicionamento efetivamente político engajado. Na verdade, o ponto chave dessa geração é a busca por uma liberdade de expressão.

### **Oswald de Andrade e Chacal: intertextualidades e antropofagia**

Nesse momento, com a atenção voltada especificamente para as poesias de Oswald de Andrade, no primeiro ciclo modernista e Chacal, na Literatura Marginal da década de 70, pretende-se apontar para alguns pontos dialogais, momentos em que suas poesias se aproximam e/ou divergem, e que importantes influências podem ser identificadas, guardando-se as proporções e diferenças em termos temporais e estéticos.

Para começar, precisa-se explicar melhor o que se entende por intertextualidade. De forma objetiva, deve-se entender que esse termo aponta

para a existência de diálogo entre textos, de forma explícita ou não. Um texto não é constituído apenas por códigos linguísticos intrínsecos, imanentes, mas é sempre produto de outro texto, ou seja, fruto do nosso conhecimento literário prévio. Há várias maneiras de desenvolver essa prática em um texto, como por exemplo, sob a forma de ratificação de ideias como é o caso da paráfrase, ou de divergência, como ocorre com a paródia. Na paráfrase, um texto, ao dialogar com outro, confirma suas ideias básicas. Já na paródia, as mesmas são ridicularizadas ou criticadas. (SANT'ANNA, 1991) Através da abordagem das poesias aqui escolhidas, será possível identificar os elementos que transitam pelo universo dos dois poetas. Em particular, o poema *Papo de Índio* de Chacal e *Erro de português* de Oswald de Andrade apresentam importantes pontos dialogais.

Papo de índio  
veio uns ômidi saia preta  
cheiu de caixinha e pó branco  
qui eles disserumqui si chamava açucri  
aí eles falaram e nós fechamu a cara  
depois eles arrepitirum e nós fechamu o corpo  
aí eles insistiram e nós comemu eles.  
(CHACAL, 2007, p. 361)

Erro de português  
Quando o português chegou  
Debaixo de uma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.  
(ANDRADE, 2014, p.151-152)

Nos dois poemas acima citados, a intertextualidade se faz presente em diversos aspectos. O início do processo de colonização, como uma marca temporal, é descrito em ambas as poesias. Chacal identifica a chegada dos jesuítas pelo verso “veio uns ômidi saia preta” e Oswald, de forma mais explícita esse episódio, no primeiro verso: “Quando o português chegou”. Essa marca temporal, provavelmente foi escolhida, porque marca também o surgimento de

uma dominação cultural que perpetua no país por séculos, mesmo após uma independência política. Talvez se o processo fosse inverso, se a cultura indígena característica nativa da região fosse imposta a cultura do exterior, esse rastro de inferioridade cultural não existiria ou pelo menos seria menor. Esse desejo de inversão dos fatos pode ser visto no poema de Oswald, onde o poeta lamenta, que se “Fosse uma manhã de sol” (típica da região) e não um dia “Debaixo de uma bruta chuva” (como ocorre na Europa), o resultado seria diferente: o português, que vestiu o índio, seria despido por ele. O português representa a cultura externa que se sobrepõe à cultura genuinamente brasileira, representada pela figura do índio.

Ainda sobre o pensamento de dominação cultural, Chacal também marca o processo, ao ilustrar uma manifestação típica indígena – a antropofagia como visto no verso: “aí eles insistiram e nós comemu eles.” A antropofagia também aparece como um ponto comum entre os dois períodos. Além de presente no poema de Chacal, a ideia de absorção foi inserida nas obras de Andrade (principalmente no Manifesto referido anteriormente), sob o ponto de vista cultural, onde como um filtro aproveita o que há de bom no exterior e acrescenta aos ideais brasileiros, assim como os índios faziam com seus inimigos. Assim, como em um ciclo, a valorização do nacional se faz presente novamente.

Relacionando os três momentos históricos – a formação brasileira, o modernismo de 1922 e a geração de 1970 – é possível verificar de que forma esse sentimento de dominação se prolonga através do tempo. O processo aparece desde a formação do país com o índio sendo dominado pelos portugueses até a geração de 1970, diretamente marcada pela influência cultural, política e econômica norte-americana, que se expandia pelo mundo (e perdura até a atualidade). E, entre esses dois momentos, o primeiro movimento modernista tem como principal bandeira a busca por uma arte verdadeiramente brasileira e livre.

A linguagem é outro elemento que merece destaque nas obras desses dois poetas. A oralidade marcante na poesia de Chacal, muito próxima à fala (o que remete também a cultura indígena), como nas expressões “ômi” e



“disserum”, seriam inimagináveis nas obras que antecedem o movimento modernista. É possível também unir a ideia da antropofagia com a da formação de uma linguagem tipicamente brasileira, nas poesias de Chacal. O eu lírico ao transformar, modificar, “deglutir” palavras, termos, como o faz em “comemu” e “sucrí”, cria uma espécie de antropofagia vocabular. Ao tornar a linguagem popular afastando-a do uso erudito, afasta-a também de uma característica europeia e a aproxima do nacional. Oswald foi um dos grandes responsáveis em trazer para poesia essa liberdade de forma e de expressão próximo ao popular, como em seu poema “Vícios da Fala”:

Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mio  
Para pior pio  
Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados.  
(ANDRADE, 2014, p. 262)

Oswald tentou promover uma grande reforma na linguagem poética. Além da oralidade marcante, por exemplo, nas palavras “mio”, “pio” e “teia”, também proporciona uma quebra de estética, com o não uso de pontuação e a preferência por versos livres. Com versos objetivos e curtos, as poesias de Oswald acabam ficando conhecidas como poemas-pílulas. Abrem espaço assim para outras obras, com linguagem irônica e dinâmica, como se pode ver, a seguir:

É PROIBIDO PISAR NA GRAMA  
  
o jeito é deitar e rolar  
  
(CHACAL, 2007, p.214)

Analisando os dois últimos poemas, um de Chacal (*É proibido pisar na grama*) e um de Oswald de Andrade (*Vícios da Fala*), um último traço de intertextualidade chama atenção, mesmo que não de forma direta, explícita. O cotidiano ganhou espaço na poesia. Ações como “fazer telhados” ou “pisar na grama” mostram que a simplicidade, muitas vezes basta para passar uma

informação: ou, como na poesia oswaldiana, de que a vida segue seu curso independentemente do que a sociedade julga como certo e errado. O eu lírico, como no poema de Chacal, aponta para o fato de que sempre se encontra um caminho alternativo para lidar com as proibições.

### Outro encontro de ideias.

Ainda na esteira dos diálogos textuais de Oswald de Andrade, com Chacal foco desse estudo, é possível perceber que a intertextualidade entre suas obras não é identificada apenas em um caso isolado. Pelo contrário, a influência oswaldiana pode ser sentida em inúmeras produções, tamanha a sua relevância. O poema *Escapulário* de Oswald de Andrade (descrito a seguir) é mais um exemplo para ilustrar os diálogos poéticos com Chacal.

No Pão de Açúcar  
De Cada Dia  
Dai-nos Senhor  
A Poesia  
De Cada Dia.  
(ANDRADE, 2003, p.99)

Analisando essa poesia, logo nos primeiros versos (“No Pão de Açúcar/De cada dia/Dai-nos Senhor”) há uma intertextualidade com um trecho da oração Pai Nosso (“o pão nosso de cada dia nos dai hoje”), o que é característico de Oswald, a paródia. Mas esse poema também servirá como influência, agora de forma mais temática, no poema de Chacal “O Pão Nosso”, como visto no trecho abaixo:

que bicho é esse que guarda a baía como um cão?  
que esfinge é essa que atormenta os navegantes com  
[suas adivinhas:  
quem amanhece verde e rosa? quem vai dormir sob aplausos?  
que pedra é essa que fia com seus bondinhos  
[partituras de sol a sol?  
que morro é esse que viu Sebastião guerrear?  
que navio é esse que espera paciente se lançar ao mar?  
que granito é esse que mira e é mirado com mil

[câmeras-olho?  
que acidente é esse que a geografia nos brindou sem  
[cerimônia ou discurso?  
[...]  
que camelo é esse que escova com as corcovas as  
[cáries do céu?  
que musa é essa compactada em milênios de  
[admiração?  
[...]  
(CHACAL, 2007, p.33)

No poema-pílula de Oswald, o eu lírico parece fazer uma prece em busca de alimento em forma de poesia. Para representar a imensidão do sentimento de um poeta, os símbolos escolhidos também possuem enorme projeção: O Pai Nosso e O Pão de Açúcar. Imagens que se repetem nas palavras de Chacal. Como por exemplo, no primeiro verso: “que bicho é esse que guarda a baía como um cão”? Ou em “que granito é esse que mira e é mirado com mil câmeras-olho”? Com essa concepção intertextualizada, o simbolismo se desfaz com a figura do Cristo Redentor de braços abertos sobre a Baía de Guanabara, ponto turístico visado por muitos. Imagem de alcance imensurável, assim como uma poesia pode promover, e é por isso que talvez as respostas não precisem ser escritas e se desenvolvam em enigmas e em jogos de ideias.

O próprio título escolhidos pelos poetas faz com que o elo religioso se mantenha, e guie o tom das poesias. São dois diferentes textos ligados em um texto maior e ligados entre si. A intertextualidade permite explorar diferentes interpretações para um mesmo texto, aumentando a riqueza literária. Além disso, conquistas na forma de liberdade de expressão, jamais devem ser esquecidas ou ignoradas.

### **Conclusão:**

Observar as semelhanças e diferenças nas produções de dois períodos literários possibilita ao leitor identificar também sua renovação temporal. Percebe-se que o que tem efetiva qualidade, em literatura, tende a se perpetuar pelo tempo. A liberdade métrica e temática conquistada pelo Modernismo

promoveu inúmeros reflexos nas obras de poetas posteriores. Sendo assim, de forma mais detalhada, foi visto acima, de que maneira a geração de 70, em especial o poeta Chacal tornou presente essa herança.

A intertextualidade é uma importante e enriquecedora ferramenta literária, sem dúvida. De forma indireta ou direta, todo texto recebe influências das leituras de seu escritor. Esse jogo de ideias contribui para a interpretação de um texto torna-se infinita e ilimitada, dependendo do seu leitor e das circunstâncias ao seu redor. E nada mais particular na literatura do que a poesia.

### Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Oswald de. *O manifesto antropófago*. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

\_\_\_\_\_. *Escapulário. Oswald de Andrade Pau Brasil: Uma poética da radicalidade*. 2ed. São Paulo: Globo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Vício na Fala*. In: NASCIMENTO, Luciana Marinho do (Org). *Tempo de Ensaio (2): Múltiplos olhares sobre o literário*. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. p. 262. E-book.

\_\_\_\_\_. *O manifesto antropófago*. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3ª ed. Brasília: Vozes, 1976.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CHACAL. *Belvedere: [1971-2007]*. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. (Coleção Ás de colete, 18).

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo e PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. (Org.) *Modos da Margem: Figurações da marginalidade na literatura brasileira*. 1 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*: antologia. 6 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. E-book.

\_\_\_\_\_. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde/89: 1960/70*. 5 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

SANTD'ANNA, Afonso. *Paródia, paráfrase e Cia*. São Paulo: Ática, 1991.

---

<sup>i</sup> Professor Adjunto Doutor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – PPGHCA/UNIGRANRIO.

<sup>ii</sup> Bolsista (FUNADESP) no Projeto de Iniciação Científica da Unigranrio.